

Orquestra Gulbenkian

Jaime Martín
Alexei Volodin



GULBENKIAN
MÚSICA

29 + 30 jan 2020



Orquestra Gulbenkian

29 JANEIRO
QUARTA

19:00 — *Grande Auditório*

30 JANEIRO
QUINTA

21:00 — *Grande Auditório*

Orquestra Gulbenkian

Jaime Martín Maestro

Alexei Volodin Piano

IMAGEM DE CAPA: ALEXEI VOLODIN © MARCO BORGGREVE

BTHVN
2020

Ludwig van Beethoven

Abertura *Leonore III*

Adagio – Allegro

Sinfonia n.º 8, em Fá maior, op. 93

Allegro vivace e con brio

Allegretto scherzando

Tempo di Menuetto – Trio

Allegro vivace

INTERVALO

Ludwig van Beethoven

Concerto para Piano e Orquestra n.º 5,
em Mi bemol maior, op. 73

Allegro

Adagio un poco mosso

Rondo: Allegro

O concerto de 29 de janeiro é transmitido em direto
pela RTP – Antena 2

Duração total prevista: c. 1h 45 min.
Intervalo de 20 min.

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Mecenado de Lisboa. Por boas causas.

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA

BPI

Ludwig van Beethoven

Abertura *Leonore III*

COMPOSIÇÃO: 1806

ESTREIA: Viena, 29 de março de 1806

DURAÇÃO: c. 14 min.

A partitura de *Leonore*, predecessora da única ópera composta por Ludwig van Beethoven, teve origem entre os anos de 1804 e 1805, sobre um libreto derivado da peça teatral intitulada *Léonore, ou l'amour conjugal*, da autoria do dramaturgo e escritor francês Jean-Nicolas Bouilly (1763-1842). Na tradução que assegurou para a língua alemã, o libretista Joseph Sonnleithner manteve bem viva a atmosfera de cariz iluminista que envolve o resgate de um prisioneiro político na Espanha de setecentos. A estreia, ocorrida no Theater an der Wien, a 20 de novembro de 1805, esteve muito longe de ser um êxito, pelo que o compositor veio a promover nova récita, depois de ter procedido a diversas alterações à partitura e ao próprio libreto, o qual se viu reduzido de três para dois atos. Nesta nova versão, a ópera foi de novo levada ao palco, a 29 de março de 1806, mas a indiferença do público condenou a partitura ao esquecimento. Oito anos volvidos, o Kärntnertor-Theater de Viena solicitou a Beethoven que fizesse reviver o projeto, firmada que estava a sua reputação nos círculos musicais da cidade. Neste mesmo teatro foi apresentada a terceira versão da ópera, sob o título *Fidelio oder Die eheliche Liebe*, a 23 de maio de 1814. A dramatização de certas passagens do libreto e as alterações introduzidas nas árias e nos recitativos trouxeram as suas compensações, já que a receção do público foi, desta vez, calorosa e mesmo entusiástica, abrindo as portas à consagração definitiva da ópera. Para todas estas versões, Beethoven compôs, em diferentes momentos, quatro aberturas distintas: *Leonore I*, op. 138 (1807),

Bona, 16 (ou 17) de dezembro de 1770
Viena, 26 de março de 1827

Leonore II, op. 72b (1805), *Leonore III*, op. 72c (1806) e a abertura para *Fidelio*, op. 72 (1814). Tal como as suas congêneres, a Abertura *Leonore III* encontra-se fundada na ária “*In des Lebens Frühlingstagen*” cantada pelo prisioneiro Florestan no início do segundo ato, antes de Leonore, disfarçada de Fielio, o ter encontrado. Destacam-se, em particular, as sonoridades dos trompetes, que anunciam a chegada iminente do ministro Don Fernando, portador de ordens reais para a libertação de todos os presos entregues à guarda do cruel governador Don Pizarro.

Sinfonia n.º 8, em Fá maior, op. 93

COMPOSIÇÃO: 1812

ESTREIA: Viena, 27 de fevereiro de 1814

DURAÇÃO: c. 28 min.

Concluída em outubro de 1812, a Sinfonia n.º 8, em Fá maior, op. 93, constituiu, desde sempre, um marco menos visitado da produção sinfónica do mestre vienense, talvez pelo facto de as suas propostas estéticas e estilísticas terem sido “ensombradas” pela mais imponente Sinfonia n.º 7, em Lá maior, op. 92, cuja composição a precedeu em poucos meses. A estreia ocorreu em Viena, na Redoutensaal, a 27 de fevereiro de 1814, mas do evento restou uma crónica velada e pouco abonatória, que fez nascer a alcunha, algo depreciativa, de “pequena sinfonia de Beethoven”. Integrando todo o efetivo orquestral do Alto Classicismo, com duas flautas, dois oboés, dois clarinetes, dois fagotes, duas trompas, dois trompetes, cordas e tímpanos, a Sinfonia n.º 8 inicia-se com um *Allegro vivace e con brio*, em tom enérgico e triunfalista, bem distinto do andamento homólogo da anterior Sinfonia n.º 6, *Pastoral* (1808), também na tonalidade de Fá



LEONORE SALVA FLORESTAN DE PIZARRO. EUGEN KLIMSCH (1839-1896) © DR

maior. A exposição comporta dois temas: o primeiro decidido e impetuoso, partilhado pelas cordas e pelos clarinetes; o segundo mais sereno, entoado pelos violinos sobre o contraponto dos fagotes. O termo desta secção é marcado pela intervenção dos timbales, sobre o acorde reiterado da tónica. Após a repetição integral da exposição, tem lugar o desenvolvimento, bastante apoiado no primeiro tema, o qual vem a conhecer diversas transformações. A recapitulação sucede uma breve coda. O andamento seguinte, *Allegretto scherzando*, segue as pisadas do segundo andamento da Sinfonia n.º 7, ou seja, reproduz exatamente a mesma forma de sonata breve, sem desenvolvimento, mas com uma recapitulação bastante distendida e variada. A orquestração omite os trompetes e os timbales para recriar um pano de fundo musical de carácter jovial, com alguns apontamentos humorísticos. Na senda da dança estilizada da tradição clássica irrompe o terceiro andamento, *Tempo di Menuetto*, marcado pela escrita polifónica extremamente depurada, partilhada pelas cordas e pelos sopros. No *Trio* destacam-se as trompas e o solo etéreo do clarinete, ambas as partes sobre o acompanhamento do violoncelo. Em seguida, repete-se a secção inicial. Por sua vez, o derradeiro andamento, *Allegro vivace*, recorre ao padrão formal da sonata-rondó, amplificando-o com dois episódios distintos de desenvolvimento, sendo cada um deles sucedido pela sua própria recapitulação. Acresce ainda a coda final a colocar termo a esta manifestação ímpar de energia criativa.

Concerto para Piano e Orquestra n.º 5, em Mi bemol maior, op. 73

COMPOSIÇÃO: 1809

ESTREIA: Leipzig, maio de 1811

DURAÇÃO: c. 39 min.

Na transição para o período romântico, foram várias as obras musicais diretamente influenciadas por acontecimentos de natureza

social, política e militar, como foi o caso do Concerto para Piano e Orquestra n.º 5, em Mi bemol maior, op. 73. A partir da primavera de 1809 e à medida que compunha a partitura, Beethoven foi assistindo à progressão dos exércitos de Napoleão Bonaparte por várias regiões do império germânico, incluindo a Áustria. Apesar de todos os esforços, não foi possível debelar a invasão francesa, a qual veio a assolar a capital imperial, Viena, em outubro do mesmo ano. Foi durante este período de imposição dos termos da capitulação, conhecido como “Paz de Viena”, que o Concerto n.º 5 foi finalizado. A estreia ocorreu, não em Viena, mas em Leipzig, em maio de 1811. Pouco tempo depois, a obra começava a ser conhecida pelo subtítulo *Imperador*, acrescentado aos programas de concerto à revelia do compositor, que não admitia outra designação que não a de “Grande Concerto”.

O primeiro andamento, *Allegro*, inicia-se com uma brilhante cadência do instrumento solista, sobre uma sucessão de acordes orquestrais. O *tutti* desvela, em seguida, toda a dimensão sinfónica da partitura, colocando em evidência os jogos de contraste sonoro entre os diferentes naipes, evocadores dos eventos coevos já mencionados. No segundo andamento, *Adagio un poco mosso*, as cordas esboçam um tema que se aparenta com uma melodia de coral. O piano apodera-se deste canto contemplativo e desenha a sua própria progressão no tempo, sem parecer constrangido por quaisquer limites de ordem exterior à da própria essência melódica do seu discurso musical. As trompas intervêm de forma muito suave, antecedendo a modulação que conduz ao final do andamento.

No último andamento, *Allegro*, Beethoven recorreu à forma rondó-sonata para erigir um quadro enérgico e impetuoso, dominado pelo pujante refrão, o qual se baseia na oposição entre a subdivisão binária, presente na mão direita do solista, e a subdivisão ternária, que serve de base à mão esquerda. Desta forma, o compositor fez apelo aos seus próprios dotes virtuosísticos, como intérprete do pianoforte.

RUI CABRAL LOPES



LUDWIG VAN BEETHOVEN,
POR JOSEPH MÁHLER, 1815 © DR

Jaime Martín

Maestro



© ONDINE

Jaime Martín é o Maestro Principal da Orquestra Sinfónica Nacional da RTÉ (Irlanda) e Diretor Musical da Orquestra de Câmara de Los Angeles. Anteriormente liderou a Sinfónica de Gävle (Suécia, 2013-2019) como Diretor Artístico e Maestro Principal. É também Consultor Artístico do Festival Internacional de Santander. Jaime Martín nasceu em Santander e foi, durante vários anos, um conceituado flautista, tendo trabalhado com muitos dos grandes maestros do nosso tempo e com orquestras como a Royal Philharmonic Orchestra, a Orquestra de Câmara da Europa, a Academy of St Martin in the Fields ou a Filarmónica de Londres. Em 2013 decidiu dedicar-se em exclusivo à direção de orquestra. Desde então, trabalhou com orquestras como a Sinfónica da Rádio de Frankfurt, a Royal Liverpool Philharmonic, a Royal Scottish National, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Sinfónica de Barcelona, a Sinfónica da Nova Zelândia, a Sinfónica de Queensland, a Deutsche Radio Philharmonie Saabuecken, a Filarmónica de Essen, ou a Filarmónica da Radio France. Para além da sua

estreia à frente da Orquestra Gulbenkian, a temporada 2018-2019 incluiu concertos com a Sinfónica de Londres e o violinista Christian Tetzlaff, em Madrid e Londres, concertos com o violinista Joshua Bell e a Filarmónica Real de Estocolmo, bem como uma digressão europeia com a Filarmónica de Londres. Estreou-se no Concertgebouw de Amesterdão com a Sinfónica de Gävle. No domínio da ópera, Jaime Martín dirigiu *A flauta mágica* no El Escorial de Madrid e no Festival de San Sebastián, em 2012. Na sua estreia com a English National Opera, em 2013, dirigiu *O barbeiro de Sevilha*, tendo regressado em 2014 para dirigir *As bodas de Figaro*. As gravações de Jaime Martín têm sido muito elogiadas pela crítica. Lançamentos recentes (Ondine), com a Sinfónica de Gävle, incluem a orquestração de Schönberg do Quarteto com Piano op. 25, de Brahms, as *Serenades* op. 11 e op. 16 de Brahms e o CD *Songs of Destiny* (obras corais de Brahms), com o Eric Ericson Chamber Choir. Jaime Martín é membro fundador da Orquestra de Cadaqués, à qual está associado há trinta anos e da qual foi Maestro Principal entre 2012 e 2019.

Alexei Volodin

Piano



Alexei Volodin nasceu em 1977 em Leninegrado, atual São Petersburgo. Estudou na Academia de Música Gnessin e no Conservatório de Moscovo, tendo sido aluno de Eliso Virsaladze. A partir de 2001, prosseguiu o seu aperfeiçoamento na Academia Internacional de Piano Lago de Como. Elogiado pelo seu toque sensível e pelo seu brilhantismo técnico, foi premiado em vários concursos internacionais, tendo em 2003 vencido o Concurso Géza Anda, em Zurique. Desde então, apresentou-se em muitos dos mais prestigiados palcos internacionais, incluindo Wigmore Hall de Londres, Konzerthaus de Viena, Concertgebouw de Amesterdão, Palau de la Música de Barcelona, Teatro Mariinsky de São Petersburgo, Philharmonie de Paris, Conservatório de Moscovo, Alte Oper Frankfurt, Herkulesaal de Munique, Tonhalle de Zurique ou Auditório Nacional de Música de Madrid, para além dos mais importantes festivais internacionais como *BBC Proms*, Bad Kissingen, La Roque d'Anthéron, Rencontres Musicales d'Évian, "La Folle Journée" de Nantes, "Noites Brancas" de São Petersburgo ou Festival de Páscoa de Moscovo. Atuou pela primeira vez

na Fundação Gulbenkian em 2009, com o Quarteto Casals. Deste então, tem regressado regularmente para tocar com a Orquestra Gulbenkian ou em recitais a solo. Como músico de câmara, destaca-se a sua longa colaboração como o Borodin Quartet. Na presente temporada, junta-se ao trompetista Sergei Nakariakov para apresentações no Southbank Centre e no Festival de Música de Istambul. Anteriormente colaborou com Janine Jansen, Julian Rachlin, Mischa Maisky, Sol Gabetta e os quartetos Modigliani, Casals e Cremona. A temporada 2019-2020 inclui ainda concertos com a Orchestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia, a Sinfónica de Sydney, a Filarmónica do Japão, a Philharmonisches Staatsorchester Hamburg, a Royal Philharmonic Orchestra, a Filarmónica de São Petersburgo e a Sinfónica de Milão Giuseppe Verdi, sob a direção dos maestros Valery Gergiev, Kent Nagano, Pietari Inkinen e Robert Trevino. Colabora também com a Sinfónica de Winnipeg num ciclo especial que inclui os Concertos para Piano e a Fantasia Coral de Beethoven. Alexei Volodin é um artista exclusivo Steinway.

Orquestra Gulbenkian



Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
Francisco Lima Santos
Concertino Principal
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnou
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tamila Kharambura *
David Ascensão *

SEGUNDOS VIOLINOS
Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Anna Paliwoda *1º Solista**
Cecília Branco *2º Solista*
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Flávia Marques *
Miguel Simões *
Joana Weffort *
David Bento *

VIOLAS
Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Leonor Braga Santos *2º Solista*
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Leonor Fleming *
Nuno Soares *
Precilia Diamantino *
Francisca Fins *

VIOLONCELOS
Varoujan Bartikian *1º Solista*
Marco Pereira *1º Solista*
Martin Henneken *2º Solista*
Levon Mouradian

Jeremy Lake
Raquel Reis
Jaime Polo *
Catarina Távora *

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Domingos Ribeiro *1º Solista*
Manuel Rego *1º Solista*
Marine Triolet *2º Solista*
Maja Plüddemann
Vanessa Lima *

FLAUTAS
Cristina Ánchel *1º Solista*
Amália Tortajada *2º Solista*

OBOÉS
Pedro Ribeiro *1º Solista*
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
Corne inglês

CLARINETES
Iva Barbosa *1º Solista*
Telmo Costa *1º Solista*
José María Mosqueda *2º Solista*
Clarinete baixo

FAGOTES
Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2º Solista*

TROMPAS
Gabriele Amarù *1º Solista*
Luís Duarte *1º Solista**
Kenneth Best *1º Solista*
Eric Murphy *2º Solista*
Mickael Faustino *2º Solista**

TROMPETES
Adrián Martínez *1º Solista*
Carlos Leite *1º Solista Auxiliar**
David Burt *2º Solista*

TROMBONES
Sergi Miñana *1º Solista*
Rui Fernandes *2º Solista*
Tiago Noites *2º Solista**

TUBA
Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO
Abel Cardoso *2º Solista*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Raquel Serra
Fábio Cachão
Pedro Canhoto
Bernardo Beirão

16 fevereiro

Entrada
gratuita

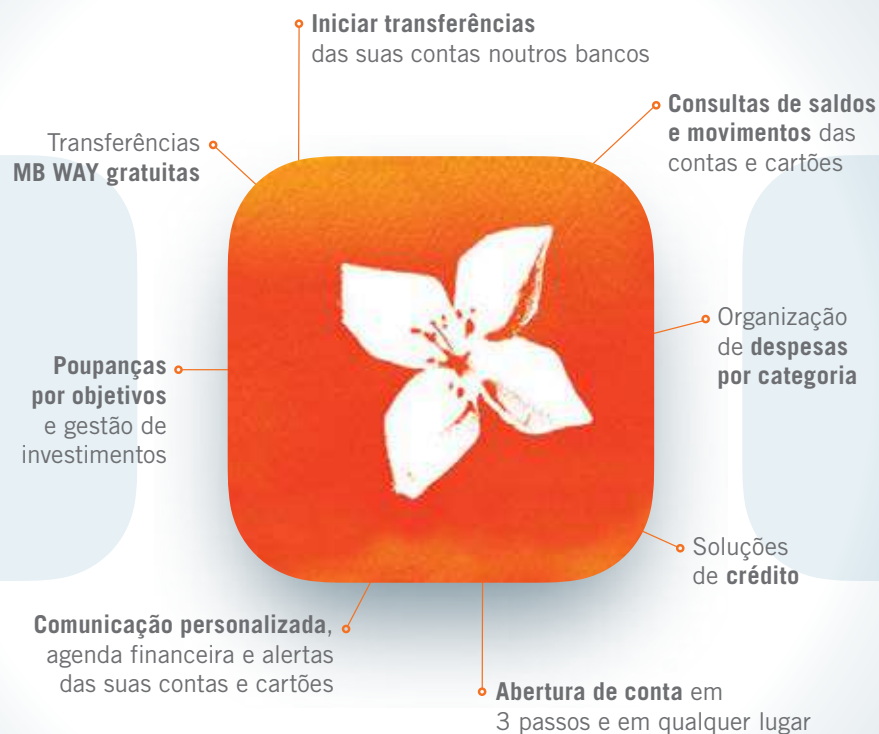
Rising Stars

 GULBENKIAN
MÚSICA

Portas abertas

GULBENKIAN.PT

Com a BPI App pode ver todas as suas contas. Mesmo noutros Bancos.



quase
A BPI App tem tudo.

A adesão à BPI App é gratuita. Adira já.
Saiba mais em bancobpi.pt



PROGRAMAS E ELENÇOS
SUJEITOS A ALTERAÇÃO SEM AVISO PRÉVIO.

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público. Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
700 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Janeiro 2020

